

Prova teórica de avaliação para o
Acesso ao Ensino Superior para Maiores de 23 Anos

15 de junho de 2016

Parte I – Prova de Língua e Cultura Portuguesas

I

Leia atentamente o seguinte texto:

Ora um domingo, o Silvestre ensarilhara-se, sem querer, numa disputa colérica com o Ramos da loja. Fora o caso que ao falar-lhe, no correr da conversa, em trabalhadores e salários, Silvestre deixou cair que, no seu entender, dada a carestia da vida, o trabalho de um homem de enxada não era de forma alguma bem pago. Mas disse-o sem um desejo de discórdia, facilmente, abertamente, com a mesma fatalidade clara de quem inspira e expira. Todavia, o Ramos, ferido de espora, atacou de cabeça baixa:

— Que autoridade tem você para falar? Quem lhe encomendou o sermão?

— Homem! — clama o Silvestre, de mão pacífica no ar. — Calma aí, se faz favor. Falei por falar.

— E a dar-lhe. Burro sou eu em ligar-lhe importância. Sabe lá você o que é a vida, sabe lá nada. Não tem filhos em casa, não tem quebreiras de cabeça. Assim, também eu.

— Faço o que posso — desabafou o outro.

— E eu a ligar-lhe. Realmente você é um pobre diabo, Silvestre. Quem é parvo é quem o ouve. Você é um bom, afinal. Anda no mundo por ver andar os outros. Quem é você, Silvestre amigo? Um inócuo, no fim de contas. Um inócuo é o que você é.

Silvestre já se dispusera a ouvir tudo com resignação. Mas, à palavra “inócuo”, estranha ao seu ouvido montanhês, tremeu. E à cautela, não o codilhassem por parvo, disse:

— *Inoque* será você.

Também o Ramos não via o fundo ao significado de «inócuo». Topara por acaso a palavra, num diálogo aceso de folhetim, e gostara logo dela, por aquele sabor redondo a moca grossa de ferros, cravada de puas. Dois homens que assistiam ao barulho partiram logo dali, com o vocábulo ainda quente da refrega, a comunicá-lo à freguesia:

— Chamou-lhe tudo, o patife. Só porque o pobre entendia que a jorna de um homem é fraca. Que era um paz-de-alma. E um *inoque*.

— Que é isso de *inoque*?

— Coisa boa não é. Queria ele dizer na sua que o Silvestre não trabalhava, que era um lombeiro, um vadio.

Como nesse dia, que era domingo, Paulino entrara em casa com a bebedeira do seu descanso, a mulher praguejou, como estava previsto, e cobriu o homem de insultos como não estava inteiramente previsto:

— Seu bêbado ordinário. Seu *inoque* reles.

Quando a palavra caiu da boca da mulher, vinha já tinta de carrascão. E desde aí, *inoque* significou, como é de ver, vadio e bêbado.

(Vergílio Ferreira, *Contos*)

Glossário:

ensarilhou-se: envolveu-se; enredou-se.

ferido de espora: sentindo-se atingido.

quebreiras de cabeça: preocupações.

inócuo: que não faz mal; inofensivo.

codilhassem: tomassem.

puas: picos; pontas aguçadas.

refrega: disputa; discussão.

jorna: salário diário.

lombeiro: preguiçoso.

tinta: tingida.

1. Refira o motivo que provocou a discussão entre as duas personagens principais. (1 valor)
2. “Um inócuo, no fim de contas. Um inócuo é o que você é.” Explique a intenção do Ramos ao proferir estas palavras. (1 valor)
3. Trace, a partir de elementos do texto, o retrato psicológico de Silvestre. (1 valor)
4. Indique os significados atribuídos ao vocábulo “inoque” pelas personagens secundárias. (1 valor)
5. Explique, por palavras suas a seguinte passagem: “Paulino entrara em casa com a bebedeira do seu descanso, a mulher praguejou, como estava previsto, e cobriu o homem de insultos como não estava inteiramente previsto.” (1 valor)
6. Dê um título ao texto e justifique. (1 valor)

II

Elabore um comentário coeso e bem estruturado (mínimo de 200 palavras) em torno do seguinte excerto do texto, baseando-se, se possível, na sua experiência pessoal: (4 valores)

“Sabe lá você o que é a vida, sabe lá nada. Não tem filhos em casa, não tem quebreiras de cabeça. Assim, também eu.”